

CARACTERIZAÇÃO DE TIPOS NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI COMO PROCEDIMENTO CRIATIVO DE PROJETO EM ARQUITETURA

LUCAS BOEIRA BITTENCOURT¹; JUNCRIIS NAMAYA JUNIOR²; LARISSA
MÖRSCHBÄCHER²; ANA PAULA VIEIRA²
ANA LÚCIA COSTA DE OLIVEIRA²; SYLVIO ARNOLDO DICK JANTZEN³

¹Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFPel – lucasbobi@hotmail.com

²Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFPel

³Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFPel – mundo.dick@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O contexto da arquitetura como disciplina na Modernidade admite dois patamares gerais. O primeiro é o ensino da tradição clássica com a cultura das Academias de ensino, em especial a *École National de Beaux-arts* na França, iniciada após a Revolução Francesa, e que existiu até 1968. Essa tradição influenciou o ensino e as práticas das primeiras escolas de arquitetura, inclusive no Brasil, no final do século XIX. O segundo é a tradição modernista, em especial a Bauhaus, escola de arquitetura sediada na Alemanha, no período Entre Guerras. A Bauhaus difundiu um ensino de vanguarda modernista em que a experimentação sobrepunha-se à tradição. A antiga “composição”, com base na tradição clássica, combinou-se em processos experimentais chamados de “projeto”. Na América Latina a criação dos cursos de arquitetura coincidiu com a expansão do MM (Movimento Moderno) no Pós-Guerra, seguindo um “paradigma” ENBA-Bauhaus.

O modernismo na arquitetura desejava uma ruptura radical com a história da disciplina. No Brasil, por exemplo, não se soube preservar os centros históricos, nem consolidar as proposições formais do MM em sua totalidade. O resultado é a confusão formal, e também tipológica, de nossas cidades. Além disso, cultuou-se a dissociação entre teoria e prática no “projeto”. Há uma crença no ensino de arquitetura de que a teoria como campo de estudo seja desprezível. Por sua vez, a prática do projeto seria um procedimento de autor e consequentemente mais destacado no exercício acadêmico e profissional. (JANTZEN; SILVEIRA; FERNANDES, 2009).

O estudo e a aplicação do conceito de tipo no campo da arquitetura é um exercício difícil. Trata-se de uma ideia que pertence à teoria da arquitetura. Tipo refere-se à organização mental do objeto arquitetônico na mente humana. Assim como a teoria da arquitetura, além de objetos difíceis, são frequentemente deixados de lado por estudantes e profissionais. Justifica-se com isso então a necessidade da afinação de métodos para o projeto arquitetônico, mesmo que incluir estudos de tipos no projeto seja desafiador.

A terminologia tipo, em uma linguagem não especializada, consiste em denominar um conjunto de qualidades comuns a determinado número de objetos. É sinônimo de gênero, aquilo que resulta quando se aplica um procedimento classificatório. No campo arquitetônico é um conceito que descreve o esquema formal da arquitetura. Uma leitura tipológica da paisagem urbana revela os “esquemas” da produção dos edifícios e da cidade, como se organizam e se estruturam. (ARÍS, 2014).

O conceito de tipo já havia sido discutido pelos arquitetos do Renascimento nos séculos XV e XVI, porém tratava-se de um conceito pouco operativo nas práticas projetuais e teóricas da época. Tipo só veio a ser objetivamente definido por Quatremère de Quincy (1755—1849), escultor e teórico francês da arquitetura, durante o Iluminismo. O tipo é uma abstração formal. Um esquema ordenador da forma arquitetônica, presente ao longo do curso da história da disciplina, desde suas formas primitivas até suas construções mais complexas. (QUINCY, 1985).

A relação com a história é outra questão do estudo de tipos em arquitetura. O tipo determina a continuidade histórica, conferindo inteligibilidade a edifícios ou cidades. Apesar disso os tipos são genéricos demais para a imitação, sendo inclusive destituídos de estilo. Portanto, a invenção sempre assume um campo maior no processo projetual. Tipo é um princípio que assume possibilidade de variação formal e de modificação de sua própria organização, podendo variar e/ou incluir novos componentes materiais. (NESBITT, 2008).

Para Rafael Moneo (1937—), tipo seria uma estrutura profunda da forma, que admitiria variações. Uma maneira de se pensar em grupos de edificações que compartilhassem essa mesma estrutura. (MONEO, 1975). Para Aldo Rossi (1931—1997), o estudo dos tipos em arquitetura deve estar combinado com o estudo dos tipos urbanos que compõe a cidade. Tipologia se converte em processo de projeto que adota analogias formais, no caso com as formas tradicionais da estrutura da cidade. Analogia para Rossi é basicamente se pensar em tipos do passado, porém em um processo que admite acordos e correções da forma, inventivamente, pelo projeto de arquitetura. (ROSSI, 2010).

2. METODOLOGIA

A distinção tipo *versus* modelo é fundamental para o método. O modelo é “palpável” e o tipo não. O modelo é passível de reprodução absoluta, já o tipo é passível de identificação, e por sua vez pode gerar vários modelos. (MONEO, 1975).

A pesquisa no campo tipológico admite etapas em seu processo, a saber: identificação, análise, classificação de tipologias arquitetônicas tradicionais (vernaculares ou eruditas), e um desdobramento dessa teoria em uma prática de projeto. No caso da atividade de projeto, essas estruturas servirão como base de desenho para novas formulações, seja o projeto de arquitetura contemporânea, a intervenção no patrimônio construído, restauros, reabilitações, ou a atividade do desenho urbano, na escala mais abrangente da rua, do bairro ou da cidade. (JANTZEN; OLIVEIRA, 1996).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram realizadas oficinas em cidades da fronteira Brasil-Uruguai, com alunos da rede pública do Chuí brasileiro, e com alunos do curso técnico em edificações do IFSUL de Jaguarão, numa turma binacional. As oficinas foram vinculadas ao projeto ProExt *Preservação do Patrimônio Cultural na fronteira Brasil Uruguai*, desenvolvido pela FAUrb. Além disso, também são estudadas essas cidades através de uma disciplina da Arquitetura da UFPel, *Desenho Urbano II*, do oitavo semestre, onde essa metodologia é sistematizada.

A ideia de uma paisagem cultural específica da fronteira sul é importante para o projeto. Esse contexto fronteiriço contribuiu para a construção de uma paisagem singular, com peculiaridades tipológicas próprias. A tipologia



denominada *cachorro sentado*, por exemplo, é um “clássico” *tipo* de arquitetura recorrente na fronteira sul. Consiste em edifícios de caráter vernacular, com o telhado em uma única água, com a inclinação voltada para o fundo do lote. São percebidas edificações com esse *tipo* em ambas as cidades estudadas.

Com os alunos, os procedimentos de identificação da paisagem foram o desenho e a fotografia, feitos em campo, seguindo um roteiro orientado. As classificações consistem em tabelas descritivas dos edifícios, com textos, esquemas formais ou diagramas. As análises contextualizam determinada tipologia em campos de significados específicos, sejam históricos, formais ou artísticos. Já os procedimentos de projeto puderam ser “simulados” com colagens, um procedimento simples e bastante eficiente no processo projetual. Visualiza-se a inserção de novos tipos, testando o grau de impacto da forma no contexto existente da cidade.

A granulometria da forma arquitetônica demonstra a incompatibilidade tipológica de edifícios de escalas muito diferentes, desde a disposição de elementos na fachada, portas e janelas, até a composição volumétrica do edifício como um todo. A arquitetura tradicional apresenta um ritmo formal característico. Uma inserção construtiva pode reproduzir a granulometria, porém com forma e materiais contemporâneos. A questão consiste em identificar elementos tipológicos comuns entre ambas as arquiteturas. Assim se alcança a unidade tipológica do método.

4. CONCLUSÕES

Tipo é um conceito duro do processo de criação artística. Mas as tipologias também admitem evolução formal. Por ser esquemático, é versátil, podendo sofrer adaptações, modificações, combinações de tipos diferentes, que resultem em um novo tipo. Tipo também não é o único, pois existem outros processos/métodos de criação em arquitetura. Acredita-se, porém que a teoria tipológica seja coerente com o projeto em cidades de destaque patrimonial. Atuar cotidianamente no exercício profissional, desde as pequenas obras, às que reservam maior destaque, é uma questão iminente, tanto entre arquitetos recém-diplomados, quanto entre profissionais experientes. A teoria tipológica oferece subsídios para ações “afinadas” com a estrutura histórica precedente.

Tanto a arquitetura tradicional quanto a arquitetura do modernismo, possuem seus tipos específicos, e estes são passíveis de identificação. Projetar a cidade na contemporaneidade é identificar, analisar e reaplicar os saberes e práticas condensados no tipo. Assim desenha-se a cidade a partir de um ponto de vista crítico e em afinidade com as preexistências de determinado ambiente, compreendendo a estrutura formal da arquitetura. O tipo sofrendo alterações e transformações, através de procedimentos técnicos conscientes, contribuirá para o projeto da arquitetura de forma criativa e com soluções formais que se orientam para a preservação patrimonial das cidades. A Universidade contribui com a formação de um campo técnico que atue nesse contexto, formando profissionais e também capacitando, indiretamente, setores diferentes da sociedade. A consolidação de uma mentalidade coletiva sobre o tema da preservação patrimonial e do projeto de arquitetura ainda é uma expectativa a ser realizada. A formação de profissionais universitários conscientes quanto ao problema da preservação patrimonial, com instrumental teórico e prático adequado, aliado à interação com as populações urbanas, mostra-se um caminho possível para atender às questões patrimoniais e a inovação nas cidades.



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARÍS, Carlos Martí. **Las variaciones de la identidad: ensayo sobre el tipo en arquitectura**. Barcelona, Fundación Arquia, 2014.

JANTZEN, Sylvio; SILVEIRA, Antonio Carlos Porto Junior; FERNANDES, Gabriel Silva. **É possível (aprender e ensinar a) projetar, projeto arquitetônico e urbanístico, orientações para o trabalho de curso**. Pelotas, Editora Gráfica da UFPel, 2009.

JANTZEN, Sylvio; OLIVEIRA, Ana Lúcia Costa. **Renovação Urbana e reciclagem, orientação para a prática de atelier**. Pelotas, Editora Gráfica Livraria Mundial, 1996.

MONEO, Rafael. On typology. **Oppositions**. New York, v.13, p.22-44.1978.

NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995**. São Paulo, Cosac & Naify, 2008.

QUINCY, Quatremère de. **Dizionario storico di architettura**. Venezia, Marsilio Editori, 1985.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo, Martins Fontes, 2010.